



Violência, Morbilidade e Solidariedade

João M. Videira Amaral

1. Saúde e Família constituem bens inestimáveis e interdependentes. Com efeito, a Família é uma verdadeira escola de comportamentos, influenciando decisivamente a criança e o adolescente. E para que tal se verifique de forma positiva e equilibrada, torna-se fundamental que o ambiente familiar propicie condições ditas saudáveis, isto é, estímulos motivantes de equilíbrio face às adversidades da vida, promovendo resiliência, vínculo afectivo e diálogo. Em suma, uma relação harmónica entre os componentes de tal modelo de agregado humano¹.

2. Acontece que a nossa sociedade é testemunha permanente de fenómenos de violência, violência não exclusiva do nosso tempo pois faz parte da História da Humanidade. A *violência* em geral, e em especial a perpetrada em ambiente familiar, multifacetada, e ultimamente *muito noticiada*, resulta duma complexa interacção de factores biológicos, psicológicos, socioculturais, entre outros, o que determina graus diversos de morbilidade, sendo que tal problema passou a ser mais facilmente denunciado nas últimas décadas^{2,3}.

3. E sobre a importância deste problema com enorme impacto na sociedade civil e que deve interessar a pais, professores, educadores, profissionais de saúde (e a toda a sociedade civil) torna-se imperioso salientar que as consequências dos diversos tipos de violência, juntamente com as doenças transmissíveis, constituem os principais factores determinantes de mortalidade prematura na Humanidade. Trata-se efectivamente de fenómenos emergentes no âmbito da Saúde Pública reclamando colaboração interdisciplinar e acção multiprofissional^{4,5}.

4. Em consonância com o que foi dito, e sem desvalorizar o papel da violência praticada sobre jovens e crianças em ambiente escolar (*bullying*), não objecto de análise neste escrito, cabe referir que um ambiente familiar hostil, desequilibrado ou disfuncional pode afectar seriamente não só a aprendizagem como também o desenvolvimento físico, mental e emocional da criança e jovem, seus membros; e estando os aspectos cognitivo e afectivo interligados, o risco de danos irreparáveis é elevado^{2,3,6}.

5. Assim, a problemática da criança e jovem vítimas de diversas formas de violência em ambiente familiar obrigará à neces-

sidade de sensibilização do público em geral, e dos diversos profissionais trabalhando em instituições ligadas à saúde e mais estreitamente ligados ao fenómeno (designadamente alunos nas áreas da saúde, médicos, enfermeiros, assistentes sociais e professores, etc.) tentando uma linguagem comum e os benefícios duma interdisciplinaridade^{1,3,5,6}.

6. Tratando-se duma matéria cujas palavras de ordem essenciais são "*identificação, prevenção e intervenção*", assume particular relevância o papel desenvolvido por certas instituições e sociedades científicas organizando eventos e promovendo publicações de cariz formativo e informativo sobre a referida problemática. A este respeito consideramos que, no âmbito da Pediatria, Portugal, com pioneirismo, ocupa um lugar cimeiro bastando citar o papel do Instituto de Apoio à Criança (IAC) e da Secção de Pediatria Social da Sociedade Portuguesa de Pediatria e de diversas Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) ao longo de muitos anos^{3,5}. Quanto a publicações na sequência de eventos que protagonizámos, torna-se obrigatório citar algumas das que fazem parte da bibliografia deste escrito coordenadas respectivamente por Maria de Lurdes Levy⁷ e J Gomes Pedro³, agregando uma plêiade de colaboradores de grande prestígio, nacionais e estrangeiros.

7. Sobre a *prevenção primária da violência*, em cuja noção está implícita a necessidade do conhecimento aprofundado dos factores biológicos, psicológicos e socioculturais que interferem ao longo dos diferentes períodos sensíveis do desenvolvimento humano, o documento, datado de 1995, *Declaração de Lisboa*⁸, elaborado pelos Autores do livro a que nos referimos³, e divulgado internacionalmente é elucidativo. Uma das suas alíneas, de carácter reflexivo - "*Às crianças deve ser assegurada, desde o nascimento a oportunidade de desenvolver uma vinculação segura com o seu principal prestador de cuidados*" - chama a atenção implicitamente para o papel dos factores de risco e para a importância do "diálogo" entre crianças, adolescentes e adultos.

8. Consumada a violência, está indicada a *intervenção*, a qual deve obedecer a um conjunto de valores sociais e de princípios que constam da *Declaração de Lisboa*. A este propósito, salientam-se: o direito à vida e à dignidade humana, e os valores da solidariedade, da subsidiariedade, da justiça da equidade e da eficiência.⁹

Correspondência:

João M. Videira Amaral
Director da APP
app@spp.pt
jmvamaral@fcm.unl.pt

Em suma, e com a devida vénia aos autores do citado Documento⁸, transcreve-se, adaptando, uma das ideias-chave sobre o tópico em análise: “... exigimos uma tomada de consciência pelo mundo e pelos seus líderes desta ameaça básica à nossa civilização...”

Referências

1. Carneiro R. In: *Colóquio sobre Violência na Sociedade*. Sociedade de Geografia de Lisboa. Lisboa: Contexto Editora, 1991.
2. Gomes-Pedro JC, Nugent JK, Young JG, Brazelton TB. *A Criança e a Família no Século XXI*. Lisboa: Dinalivro, 2005.
3. Gomes-Pedro JC (ed). *Stress and Violence in Childhood and Youth*. Lisboa: Departamento de Educação Médica da Universidade de Lisboa, 1999.
4. Videira-Amaral JM. Questões demográficas e exercício da Pediatria (Editorial). *Acta Pediatr Port* 2008;39: LXVII-VIII.
5. Coimbra de Matos A. *Violência na Sociedade*. Lisboa: Contexto, 1991.
6. Canha J. *A Criança Maltratada. O papel de uma pessoa de referência na sua recuperação*. Coimbra: Quarteto Editora, 2000.
7. Levy ML, et al (ed). *A Criança Maltratada* (Monografia do Centro de Estudos Judiciários e do Instituto de Apoio à Criança). Lisboa: Direcção da Secção de Pediatria Social da Sociedade Portuguesa de Pediatria, 1986.
8. Gomes-Pedro JC, et al (ed). *Declaração de Lisboa*. Autores do livro *Stress e Violência na Criança e no Jovem*. Lisboa: Departamento de Educação Médica da Universidade de Lisboa, 1995.
9. Laureano Santos A. As pessoas e os problemas no que à saúde diz respeito. *Acção Médica* 2008; 72:5- 22.